



## Viabilizar uma interpretação autêntica da *Iliada*: o caso da tradução de Carlos Alberto Nunes e proposta de um método de como traduzir emoções mais adequadamente

Bruna Silva de Abreu<sup>1</sup>  
Rainer Guggenberger<sup>2</sup>

**Resumo:** A literatura grega vem sendo estudada por séculos, dada a sua grande importância e influência na literatura ocidental. Contudo, é necessário que se tenha em mente alguns aspectos importantes quando se despende tempo com poemas e textos traduzidos da língua grega. Para exemplificar nosso ponto de vista, propusemos um estudo de caso a partir de nossa pesquisa sobre as emoções na *Iliada*, onde se fez necessário uma pesquisa detalhada de ἔλεος, μῆνις e alguns dos seus respectivos cognatos e sinônimos para que pudéssemos analisar essas emoções sob perspectiva aristotélica, apontando os problemas enfrentados pelo pesquisador, quando o mesmo ignora o texto em grego, pautando-se exclusivamente na tradução em língua moderna.

**Abstract:** Greek literature has been studied for centuries, given its great importance and influence on Western literature. However, it is necessary to keep in mind some important aspects when spending time with poems and texts translated from the Greek language. To exemplify our point of view, we proposed a case study from our research on emotions in the *Iliad*, where a detailed research of ἔλεος, μῆνις and some of their respective cognates and synonyms was necessary so that we could analyze these emotions from a perspective Aristotelian, pointing out the problems faced by the researcher, when he ignores the text in Greek, basing himself exclusively on the translation into modern language.

**Palavras-chave:** Tradução; *Iliada*; estudo de emoções; Carlos Alberto Nunes

**Keywords:** Translation; *Iliad*; study of emotions; Carlos Alberto Nunes

<sup>1</sup> Graduada em português-latim pela UFRJ.

<http://lattes.cnpq.br/1330751816722086>

Email: [brunasilva@letras.ufrj.br](mailto:brunasilva@letras.ufrj.br)

<sup>2</sup> Doutorado em Letras Clássicas pela Universität Wien. Professor de língua e literatura grega na UFRJ, onde atua no PPGLC.

<http://lattes.cnpq.br/0845127936917402>

E-mail: [rainer@letras.ufrj.br](mailto:rainer@letras.ufrj.br)





## Introdução

Quando pensamos em poesia e literatura grega, é inegável que um dos primeiros nomes que nos vem à mente é Homero. Afinal, é possível encontrar diversos estudos sobre suas obras, *Ilíada* e *Odisséia*, sendo ambos os poemas receptíveis a uma série de possibilidades de discussão e pesquisa, além de por si só caracterizarem um marco na literatura ocidental. Além disso, a própria figura de Homero também desperta a curiosidade de inúmeros estudiosos, os quais levantaram e ainda levantam questões sobre quem foi Homero e sobre sua vida. Outros poetas também ocupam uma posição de destaque quando se estuda a literatura grega, como Hesíodo, Safo, Sófocles e Aristófanes, por exemplo. Contudo, é preciso certo cuidado ao trabalhar com autores gregos e suas obras, principalmente quando se utiliza traduções como base central de um estudo, como veremos a seguir.

Em nossa pesquisa, tratamos de investigar duas emoções presentes na *Ilíada*: a cólera e a piedade. Para isso, fizemos um recorte a partir de duas personagens: a primeira, Aquiles, guerreiro grego que experimenta a cólera desde o início do primeiro canto, quando é pedido para que as musas cantem sobre sua cólera (*μῆνιν*). E, não menos importante, também nos proporciona um dos momentos mais belos do poema, ao ter piedade de Príamo, rei de Tróia, ao devolver o corpo de seu filho Heitor para que as devidas honrarias pudessem ser feitas em nome do príncipe troiano morto por Aquiles. Discutimos também a piedade de Pátroclo, companheiro de Aquiles, uma vez que pouco se fala de sua piedade para com os aqueus no canto XI e XVI, respectivamente.

Para estudarmos essas emoções, optamos por utilizar como ponto de partida o segundo livro da *Retórica* de Aristóteles. A primeira razão para que tenhamos escolhido a *Retórica* parte da hipótese levantada por Guggenberger (2013) de que Aristóteles tenha elaborado a sua *Retórica* a partir da leitura e recepção dos poemas homéricos, sobretudo da *Ilíada*. Uma das afirmações que sustentam essa hipótese é que “se observamos as citações constantes das obras de Aristóteles, em particular da *Retórica* e da *Poética*, fica claro, no que concerne à quantidade, que as epopeias homéricas, em especial a *Ilíada*, são as obras mais citadas de um único autor” (GUGGENBERGER, 2013: 360). Além da grande influência de Homero em sua *Retórica*, Aristóteles discorre sobre diversas emoções ao decorrer da obra, o que nos permite detalhar e explorar as emoções citadas anteriormente.





Antes de começarmos a análise das emoções dentro dessas condições, nos deparamos com certos problemas que valiam um estudo mais aprofundado e atento de nossa parte: a tradução escolhida da *Ilíada* e as possíveis consequências de se interpretar um poema sem levar em consideração o texto em língua grega.

### **Piedade, compaixão e suas diferenças.**

A tradução escolhida foi a de Carlos Alberto Nunes (2015), por conta da grande notoriedade de sua obra. Além de ser o primeiro a trazer “traduções poéticas integrais em português de Homero feitas e publicadas no século XX no Brasil [...] o hexâmetro datílico português de Carlos Alberto Nunes, consiste em simular (ou “interpretar” como ele diz) o dátilo substituindo-se a sílaba longa por uma sílaba tônica e as duas sílabas breves por duas átonas” (NETO, 2014: 192). Por esses motivos, julgamos que essa seria nossa melhor opção para começarmos o estudo proposto. Contudo, durante nossa fase de investigação de vocábulos específicos, nos deparamos com o primeiro problema.

Nossa primeira questão foi a escolha lexical de Carlos Alberto Nunes para tradução de algumas palavras em língua grega. Nesse caso, falaremos do *ἔλεος* e alguns de seus cognatos e sinônimos<sup>3</sup> encontrados a partir da leitura da *Ilíada*, tanto em língua portuguesa quanto em língua grega. Essa pesquisa foi otimizada e facilitada através do site *Perseus* ([www.perseus.tufts.edu](http://www.perseus.tufts.edu)), onde pudemos ter acesso à *Ilíada* em língua grega e, a partir de pesquisa específica de cada vocábulo, encontrar as ocorrências das palavras estudadas.

Com todas as ocorrências listadas, pudemos montar tabelas exaustivas e detalhadas, apresentando, sempre que possível, quem manifesta a emoção em questão e, quando necessário, apontamos um contexto mínimo para o entendimento daquela passagem, sempre conferindo qual foi a escolha de tradução de Carlos Alberto Nunes para todas as ocorrências listadas. Após reunirmos uma quantidade significativa de cognatos e sinônimos de *ἔλεος*<sup>4</sup>, pudemos observar de forma detalhada a relevância de

<sup>3</sup> *νηλής, ἐλαίρω, ἐλεέω, ἐλεάω, οἰκτείρω* e *ἐλεινός* foram os vocábulos encontrados e estudados.

<sup>4</sup> Ao total 64 ocorrências listadas a partir de *ἔλεος, νηλής, ἐλαίρω, ἐλεέω, ἐλεάω, οἰκτείρω* e *ἐλεινός*.





cada ocorrência dentro do poema, e como a emoção em questão se apresentava em pontos-chave da narrativa.

Para exemplificar essas questões de cunho tradutório, escolhemos utilizar como exemplo nesse artigo apenas as emoções de Pátroclo e as emoções relacionadas ao mesmo. Apesar de Aquiles também ser nosso objeto de estudo, Pátroclo é uma personagem “que se insere na categoria daquilo que é necessário em Aristóteles, a condição *sine qua non* – pois sem ele não se dá continuidade às peripécias e ao enredo da épica homérica” (VIEGAS, 2012: 3). Portanto, sem a piedade de Pátroclo, não seríamos capazes de observar a emocionante cena de Aquiles devolvendo o corpo de Heitor no canto XXIV, por exemplo.

Para começarmos a falar da piedade de Pátroclo, analisaremos a primeira vez que *οἰκτεῖρω*, palavra que pertence ao mesmo espectro semântico de *ἔλεος* (não se trata de um sinônimo, pois um é verbo e outro é substantivo), pode ser visto a partir da listagem elaborada através do site *Perseus*, relacionado a Pátroclo, em língua grega: “[...] τὸν δὲ ἰδὼν ᾧκτειρε Μενoitίου ἄλκιμος υἱός, [...]” (Ilíada, XI vv. 814). Nessa passagem temos a ocorrência de *ᾧκτειρε*, traduzido por Carlos Alberto Nunes como “apiedado”. A próxima menção ao verbo *οἰκτεῖρω* é quando Aquiles, ainda encolerizado, experimenta essa emoção por conta de Pátroclo: “[...] τὸν δὲ ἰδὼν ᾧκτειρε ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεύς, [...]” (Ilíada, XVI vv. 5). Aqui temos *ᾧκτειρε* que também fora traduzido por Carlos Alberto Nunes como “apiedou-se”.

Contudo, existem alguns problemas de se traduzir palavras como *ἔλεος* e, nesse caso, o verbo *οἰκτεῖρω* por piedade.

Piedade também pode ser empregada no sentido religioso (eusebeía) de comprometimento para com as obrigações devidas aos deuses, assim como, e talvez em consequência deste uso religioso, pode induzir um olhar de assimetria, onde aquele que sente éleos pode ser visto numa situação superior àquele que suscita esta emoção, o que me parece não dar conta dos casos nos quais quem sente e quem suscita éleos são semelhantes (homoíoi), o que me parece ser o caso, já que esta assimetria só é real quando quem sente éleos é uma divindade, pois entre os homens, tal assimetria é sempre ilusória. Já compaixão é uma tradução igualmente problemática, agora por aproximar demais aquele que sente daquele que é objeto de éleos, já que Aristóteles alerta que quem suscita esta emoção são os conhecidos, e não os parentes, pois o infortúnio dos parentes se nos apresenta como algo terrível e o terrível é diferente do que é digno de éleos. (Rhet. 1386 a 15-24). (MANTOVANELI, 2018: 82)





Portanto, podemos notar que traduzir *ἔλεος* por piedade, implica na possibilidade de despertar outras interpretações, já que, segundo Campos, “a palavra piedade é empregada sempre no sentido de religiosidade, de devoção aos valores que regem a relação entre homens e Deuses, e também a relação entre os próprios homens” (CAMPOS, 2001: 79). Contudo, o pesquisador aponta que em língua portuguesa também é possível termos a piedade empregada com o sentido “equivalente de pena ou compaixão - aquilo que os romanos denominavam como misericórdia.” (2001: 79)

Mantovaneli (2018) acrescenta na discussão que, por outro lado, quando se trabalha especificamente com Aristóteles, a tradução de *ἔλεος* por compaixão, nesse caso, também se mostraria igualmente problemática. Por isso enfatizamos a necessidade de um estudo cuidadoso dos termos escolhidos em língua grega, quando os mesmos se tornam o ponto chave de uma discussão. No caso de *ἔλεος*, adotamos como possibilidade de tradução para o português a palavra piedade, embora possa, pela sua ambiguidade, causar interpretações equivocadas na língua portuguesa. Para além disso, Carlos Alberto Nunes (2015) também opta por traduzir, por exemplo, o verbo *οἰκτεῖρω* por piedade onde há momentos significativos de *ἔλεος* na narrativa. Essas escolhas significativas de tradução de Nunes em momentos chaves se mostraram de extrema importância não só para a análise da *ἔλεος*, mas também para nossa própria tradução, embora, na tradução utilizada da Retórica de Aristóteles, o tradutor tenha optado por traduzir *ἔλεος* como compaixão.<sup>5</sup>

Como nossa análise se baseia majoritariamente em Aristóteles, enfrentamos o problema de tradução também da Retórica. A escolha da tradução feita por Edson Bini (2019) pela editora Edipro se deu pela edição recente e de fácil acesso. Além disso, também buscamos observar o texto original em língua grega, onde majoritariamente temos *ἔλεος* traduzido por compaixão, indo em contra-mão das opções tradutórias de Nunes.

Essas diferenças de escolha lexical, podendo levantar diversas nuances no sentido das palavras, tornou-se um grande objeto de estudo e de debate para que se pudesse, embora tantas divergências, representar em língua portuguesa o sentido amplo de *ἔλεος*. Optamos por sinalizar sempre após a citação em língua portuguesa, qual foi a palavra

---

<sup>5</sup> Edson Bini, em sua tradução para a Edipro (2019) opta por traduzir *ἔλεος* por compaixão.





encontrada em língua grega equivalente a essa tradução. Por exemplo, “Ao vê-lo, o filho do grande Menécio sentiu-se apiedado (*ὄκτειρε*)” (Ilíada, XI 813). Ao adotarmos esse método, pretende-se lembrar ao leitor que, embora nossa escolha para o estudo tenha sido optar por “eu me apiedo” como tradução para *οἰκτεῖρω* e por piedade para alguns outros vocábulos dentro do campo semântico de *ἔλεος*, o vocábulo em língua grega pode apresentar outros sentidos mais amplos e, por conta do distanciamento que o mundo contemporâneo tem da língua grega clássica, nossa escolha de tradução pode não refletir exatamente a emoção que o autor quis manifestar naquele verso.

### Omissões na tradução de Carlos Alberto Nunes

Durante a confecção das tabelas de ocorrências de *ἔλεος*, *μῆνις* e alguns dos seus respectivos cognatos e sinônimos, quando listamos as escolhas de tradução de Carlos Alberto Nunes para os vocábulos em questão, foram percebidos casos onde omissões na tradução puderam ser encontradas. Listamos algumas dessas ocorrências na seguinte tabela, para facilitar a visualização desses casos, nos quais Nunes simplesmente não traduziu a(s) palavra(s) grega(s) em questão.

Em língua grega	Contexto
<i>χαλεπήν μῆνιν</i> (Ilíada, XIII v. 624)	<i>μῆνιν</i> aqui refere-se à cólera difícil de Zeus.
<i>μάλα γὰρ δριμύς χόλος αἰρεῖ</i> (Ilíada, XVIII v. 322)	<i>χόλος</i> aqui está relacionado a Aquiles por conta da símile com o leão na frase.
<i>χολωθείς</i> (Ilíada, XXIII v. 23)	Dentro do campo semântico de cólera/ira, relacionada a Aquiles.
<i>χολωθείς</i> – (Ilíada, XXIII v. 88)	Dentro do campo semântico de cólera/ira, relacionada a Aquiles.

**Tabela 1:** Ocorrências de *χολόω* e *μῆνις* não traduzidas por Carlos Alberto Nunes.

Embora poucas passagens não tenham sido traduzidas por Nunes para o português dentro de nosso recorte de palavras, a não tradução desses vocábulos para a língua portuguesa poderia implicar – para aquele pesquisador que somente trabalha com traduções – na listagem inconsistente de ocorrências de *μῆνις* e do sinônimo *χολόω*





quando relacionados principalmente a Aquiles, personagem que mais manifesta essa emoção durante todo o poema segundo nosso levantamento<sup>6</sup>, com 37 ocorrências. Para fins de comparação, Zeus ocupa o segundo lugar com apenas 13 ocorrências relacionadas ao seu nome.

Identificar esses vocábulos relacionados à cólera em sua totalidade só foi possível por conta da pesquisa realizada de forma detalhada no site *Perseus*. Se apenas fizermos esse levantamento a partir da tradução em língua portuguesa, de certo teríamos, como posto anteriormente, um número não exato de vezes que essa emoção é vinculada à determinada personagem.

### **Acréscimos de sentido na tradução de Carlos Alberto Nunes como causadores de interpretações infundadas**

Durante o estudo das emoções relacionadas a Pátroclo, uma passagem em específico nos chamou a atenção, embora não houvesse relação direta com piedade. Vejamos:

Metes-me medo. A quem podes, depois, ser de alguma vantagem,  
se não proteges os nobres Argivos na ruína iminente?  
Sem coração! Não provéns do ginete Peleu, por sem dúvida,  
nem do regaço de Tétis; geraram-te as ondas cerúleas  
e os escarpados rochedos, que tens implacável espírito.  
(II. XVI 31-35)

Em outro momento, Pátroclo, também na tradução de Carlos Alberto Nunes, diz que Aquiles “é de se temer, pois é homem violento, que ao próprio inocente culpar poderia” (II. XI 653-654). Nosso objetivo não era investigar o medo (*φόβος*). Porém, nos chamou a atenção Pátroclo dizer sentir medo de Aquiles, afinal, é clara a proximidade de

---

<sup>6</sup>O levantamento exaustivo dos vocábulos do campo semântico de ἔλεος traduzidos por Carlos Alberto Nunes poderá ser encontrado em forma de tabela, posteriormente publicado em monografia.





ambos, independente do tipo de relação que mantinham, discussão essa que não é nosso foco. Quando fora identificado esse possível temor de Pátroclo, analisamos essa emoção através da Retórica de Aristóteles, sem antes termos estudado essas passagens em língua grega, o que nos levou a uma interpretação inicial equivocada.

Levando em consideração apenas a tradução em língua portuguesa e a Retórica, poderíamos pensar na definição de Aristóteles sobre o medo:

Passemos agora a descrever os estados em que se encontram aqueles que experimentam o medo. Se o medo for associado à expectativa que algo destrutivo nos sucederá, ficará claro que todo aquele que acredita que nada lhe sucederá não experimentará o medo. Não temeremos acontecimentos que acreditamos não poder nos atingir, nem pessoas que cremos serem incapazes de provocar tais acontecimentos em nossas vidas. Conclui-se que o medo é sentido pelos que acreditam que algo provavelmente lhes acontecerá através da ação e concurso de determinadas pessoas, de uma determinada forma e em um determinado momento. (Rhet. 1382b 28-38).

Uma interpretação possível seria que no canto XVI, quando Pátroclo declara que Aquiles o desperta medo, o seu medo em si não é de Aquiles, seu companheiro, mas sim das consequências de suas escolhas. Pátroclo, momentos antes de ir até Aquiles, havia sentido piedade para com os aqueus após encontrar com Eurípilo ferido no canto XI, além de já ter presenciado com os próprios olhos as consequências das escolhas de Aquiles: inúmeros guerreiros gregos feridos e o caos se instaurando próximo às naus gregas, não longe de atingir a si próprio.

Por outro lado, esse medo das consequências da cólera de Aquiles poderia não significar que Aquiles não seja uma pessoa temível, pelo contrário: Aristóteles também considera “temíveis os que foram vítimas de injustiça ou que se crêem tais, pois estão constantemente atentos para uma oportunidade de se vingarem.” (Rhet. 1382b 10-12) Isso justificaria a afirmação de Pátroclo durante sua fala com Nestor no canto XI, quando diz que Aquiles é de se temer, uma vez que Aquiles ainda se encontrava encolerizado após a insolência sofrida no canto I.

O ato de deliberação para com Aquiles no canto XVI, quando Pátroclo barganha com o companheiro a possibilidade de utilizar a armadura e armas do Pelida, passando-se por ele no campo de batalha, também é prevista por Aristóteles, quando diz que “para experimentarmos o medo, é mister que continue existindo em nós alguma esperança de





nos safarmos da ameaça que gera nossa inquietação. A prova disso é que o medo nos leva a deliberar, quando ninguém delibera se a situação for desesperada” (Rhet. 1383a 6-10). Para que essa deliberação ocorra, Pátroclo via em Aquiles a esperança de que caso concordasse com seus planos, os aqueus estariam salvos, inclusive ele mesmo. Porém, como sabemos, não foi o que aconteceu, uma vez que Pátroclo morre ainda no mesmo canto, após a deliberação.

Como vimos, seria totalmente possível afirmar que a interpretação a partir da Retórica é condizente com a *Ilíada*. Porém, se olharmos o poema em língua grega, não é encontrado nenhum vocábulo do campo semântico de *φόβος*, que permitiria confirmar que Pátroclo de fato experiencia o medo. Ao analisarmos, por exemplo, as passagens anteriormente citadas, teremos:

Em língua grega	Tradução de Carlos Alberto Nunes	Proposta de tradução literal
<i>τί σευ ἄλλος ὀνήσεται ὀψίγος νός περ</i>	“Metes-me medo. A quem podes, depois, ser de alguma vantagem, [...] (Il. XVI 31)	Qual vantagem uma outra pessoa que vier mais tarde terá de ti [...]?
<i>οἷος ἐκεῖνος δεινὸς ἀνὴρ· τάχα κεν καὶ ἀναίτιον αἰτιό ωτο.</i>	“é de se temer, pois é homem violento, que ao próprio inocente poderia culpar” (Il. XI 653-654).	de que tipo esse homem terrível é: rapidamente, até um inocente ele poderia culpar.

**Tabela 2:** Comparação entre a tradução de Carlos Alberto Nunes e a proposta literal de tradução com base no texto grego.

É inegável ao observar a tabela que a simples posição de um vocábulo na tradução pode vir a influenciar a interpretação do texto. O trabalho de tradução é algo que envolve diversas escolhas, entre elas, aquelas relacionadas à métrica. Como mencionamos anteriormente, o trabalho de Carlos Alberto Nunes tem notório destaque não somente por ser a primeira tradução da *Ilíada* em língua portuguesa, mas também por tentar reproduzir o hexâmetro datílico em português. Esse processo exerce grande influência na escolha das palavras equivalentes e, de certo, não abarca o mesmo procedimento que nós utilizamos na tabela apresentada, que é apresentar uma proposta de uma tradução literal, onde a consideração de questões métricas não se fez necessária.

## Conclusão





Como demonstramos, é possível assumir um tipo de interpretação equivocada, por não realizar um estudo do poema em língua grega. Apesar disso, seria contraproduativo condenar o uso das traduções disponíveis em nossa língua, em favor apenas da leitura em língua grega. Afinal é, sobretudo, a partir das traduções que temos acesso à literatura grega antiga. Vale lembrar que os próprios poemas homéricos chegaram até nós após serem passados de forma oral durante séculos, até chegarem às suas primeiras versões escritas e, finalmente, à chegada de traduções que hoje conhecemos em língua portuguesa. O próprio poema considerado como “original” pode ter chegado para nós diferente do que hoje estudamos e lemos, com adições e recortes que, talvez, nunca tenhamos notícia na sua integralidade. Portanto, seja utilizando traduções, seja estudando o poema em língua grega, estamos suscetíveis a diferentes problemas de cunho semântico, pois ambos implica, de certa forma, uma forma de tradução:

Quando lemos, estamos traduzindo. Quando conversamos, traduzimos e somos traduzidos. E quanto maior o nosso afastamento da realidade histórica ou literária estudada, ou ainda, quanto menos orgânica e direta for a nossa relação com o passado, maiores são as chances de confusão e entropia [...] Alcançar o significado real de uma palavra, real a ponto de saber com exatidão a experiência que ela dava conta, é uma tarefa impossível. (MACIEL, 2020: 34)

Portanto, é impossível chegarmos a uma tradução perfeitamente acurada e abrangente para todos os possíveis contextos de seja qual for a palavra em língua clássica que nos dispúnhamos a estudar. Sempre haverá uma barreira linguística, cultural e espacial. Todavia, não significa que o estudo é infrutífero e impossível. A tarefa do pesquisador é manter-se atento aos problemas que possíveis traduções podem trazer a um trabalho de pesquisa, e na impossibilidade de encontrar uma palavra equivalente para traduzir determinados vocábulos, principalmente quando se trata de emoções.

Apresentamos, por exemplo, a crítica de Mantovaneli (2018) ao se traduzir *ἔλεος* na Retórica por compaixão, embora haja traduções que optem por utilizar o vocábulo em questão. Campos (2001), nos lembra que em língua portuguesa, piedade também pode ter a mesma carga semântica que compaixão, o que perpassa o significado único de piedade no seu sentido religioso. Essa divergência não implica na existência de um certo ou de um errado e “exatamente por isso, traduzir tais palavras é sempre um desafio, pois





determinadas culturas prestam atenção em coisas (e criam palavras para elas) que escapam às demais, e assim algumas palavras não possuem um equivalente na língua para a qual se deseja traduzir” (MACIEL, 2020: 32).

Quando lemos a *Ilíada*, ou qualquer outra obra da antiguidade, aplicamos nossas próprias vivências no texto e, sem dúvida, essa troca entre o texto e o leitor nos permite diversas interpretações, sendo essa a beleza de se estudar poesia. Porém, por mais que a interpretação dessas obras seja aberta, não significa que não se deva olhar com cuidado para o *corpus*. Não é nossa intenção dizer com exatidão qual é a carga semântica de *μῆνις* e *ἔλεος*, por exemplo. Nosso propósito é trazer novas perspectivas ao estudo das emoções e, no que diz respeito ao estudo semântico, propiciar um debate inicial sobre a importância de se estudar a língua grega, para que ampliemos as possibilidades de interpretação. Expandindo nossos horizontes com o estudo da língua grega, não somente abrimos novas possibilidades de interpretação, mas também aprimoramos o levantamento de ocorrências dessas emoções no poema. Cabe ao pesquisador, dentro de diferentes linhas possíveis de interpretação e dentro de seus próprios objetivos, apresentar um estudo cuidadoso do seu *corpus* para evitar possíveis equívocos, causados pelo uso descuidado de traduções.

### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- CAMPOS, André Malta. **A (im) piedade de Aquiles**. *Letras Clássicas*, USP, n. 5, p. 79-88, 2001.
- GUGGENBERGER, Rainer. **Sobre a função da *Ilíada* na gênese da Retórica de Aristóteles**. *Kalagatos*, Fortaleza, v.10 n.20, p. 357-388, 2013.
- HOMERO. ***Ilíada***. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MACIEL, Felipe Marques. **A Presentificação da ausência e a dissolução da presença: a semântica da “saúde” nas épicas homéricas**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- MANTOVANELI, Luiz Otávio. **Éleos de Aquiles segunda a teoria aristotélica das emoções**. *Revista Enunciação*, Rio de Janeiro, v. 3, n.2, p. 81-90, 2018.
- NETO, João Angelo Oliva. **O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões**. *Revista Letras*, Curitiba, n. 89, p. 187-204, 2014.
- VIEGAS, Alessandra Serra. **A arrogância de Aquiles e a doçura de Pátroclo: a narrativa de uma philía mediada pelo equilíbrio entre hýbris e sofrosýne**. *Revista Principia*, Rio de Janeiro, n. 25, 2012.

